

PEDAGOGIA ARTE-SOCIAL. PARA UMA CULTURA DA DEMOCRACIA E DEMOCRACIA NA CULTURA

SANNA RYYNÄNEN

Introdução

As prioridades da educação têm visado, cada vez mais, a utilidade mensurável. Essa preocupação é expressa, por exemplo, pela filósofa estadunidense Martha Nussbaum em seu livro *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, publicado em 2010. Nussbaum está particularmente preocupada com o modo como a educação tem diminuído o peso das humanidades e das artes dos currículos, às custas das matérias chamadas “úteis”, tais como as ciências naturais. Para ela, isso é uma tentativa de reduzir o ensino a uma ferramenta do Produto Interno Bruto (Nussbaum, 2012).

Neste artigo, procuramos esclarecer o significado das artes na vida do ser humano e na sociedade utilizando as ferramentas da pedagogia social. Temos como objetivo principal discutir as ligações entre as artes e as questões da convivência na sociedade, principalmente a democracia como um modo de viver juntos, tendo em vista conectar novamente a educação que valoriza mais as humanidades e as artes. Para tanto, sugerimos uma abordagem específica para a pedagogia social, a saber: a *pedagogia arte-social*. Se a arte-educação é voltada ao ensino da arte ou “à utilização da arte como instrumento para abordagem de temas de áreas diversas” (Villaça, 2014, p.74), a *pedagogia arte-social* é, por sua

vez, uma forma de pensar e atuar sobre as artes que entende a mesma como uma atividade que se entrelaça com as questões fundamentais de ser e crescer como pessoa, um espaço de convivência, encontro e diálogo e, além disso, como um ato social ou político que, de várias maneiras, transforma e constrói as relações das pessoas com as suas comunidades e a sociedade (Ryynänen, 2019).

No presente artigo, são abordados os significados e os efeitos sociais das artes sob duas perspectivas: as experiências de arte e as experiências de fazer arte, utilizando os conceitos de democratização da cultura e de democracia cultural. Estes são muitas vezes abordados como dois paradigmas de política cultural (Ander-Egg, 1987; Souza, 2017), mas no contexto deste texto, são utilizados como conceitos analíticos para se pensar as questões do acesso às artes no contexto educacional. Ao refletir sobre os significados e os efeitos sociais das experiências de vivenciar e fazer arte nas variadas esferas da educação e aprendizagem, não buscamos mostrar ou convencer que as artes são “úteis”, tal como costumeiramente se faz com as ciências naturais. Sugerimos que o significado das artes, na vida humana, vai muito além da utilidade, sendo um fator essencial para o nosso crescimento como seres humanos e cidadãos democráticos.

Pedagogia arte-social ou pedagogia social como uma perspectiva para pensar as artes e a educação

Particularmente agora no século XXI, a pedagogia social segue, muito orgulhosamente, na contramão. A pedagogia social enfatiza a importância de uma educação abrangente e holística, considerando-se a situação atual em que, ao invés de educação, se fala cada vez mais em aprendizagem, e o valor da educação é definido por medidas de benefícios imediatos: os educadores se tornaram fornecedores de produtos e os educandos, clientes ou consumidores de conhecimento. (Nivala & Ryynänen, 2019, p.30)

A pedagogia social nasceu na Alemanha, no século XIX, com duas vertentes. Um

dos primeiros acadêmicos que usou o conceito foi Karl Mager (1810–1858). Ele criticou o individualismo da pedagogia chamada “tradicional” e enfatizou o caráter social da educação, usando o termo “social” no sentido de sociedade. Para ele, a pedagogia social devia ser uma pedagogia que se interessa pelas conexões entre a sociedade e a educação e, além disso, uma ciência de educação com caráter social no sentido amplo (Hämäläinen, 1995; 2012; Nivala & Rynänen, 2019).

Mais ou menos no mesmo período, Adolph Diesterweg (1790–1866) também adotou o conceito de pedagogia social, mas o definiu de uma maneira diferente. Para ele, a pedagogia social foi entendida como uma pedagogia que visa ajudar as pessoas em condições sociais desfavoráveis e como um instrumento para resolver problemas sociais, ou aliviá-los, através da educação. Assim entendido, a pedagogia social é um trabalho pedagógico que tem como tarefa implementar uma ampla gama de instituições de educação social e de modos de ação (Hämäläinen, 1995; 2012; Nivala & Rynänen, 2019).

Essas duas maneiras de entender o conceito de “social” – a primeira de um modo mais amplo, tendo como referência a sociedade e o caráter social do ser humano; e a segunda, com uma visão mais estreita, a partir de uma relação com os problemas sociais – ajudaram a cristalizar as duas linhas de desenvolvimento da pedagogia social que, aliás, ainda convivem juntas, formando o grande campo da pedagogia social. Porém, a interpretação mais estreita, a que destaca a tarefa de examinar as condições sociais desfavoráveis e as desigualdades sociais, e que tem como objetivo buscar a superação de problemas sociais por meios pedagógicos, domina o campo da pedagogia social em vários países, tais como atualmente a Alemanha, ao ponto da pedagogia social ser considerada especificamente como uma pedagogia dos problemas sociais. Isso nos deixa com uma visão um pouco restrita da pedagogia social e das suas potencialidades pedagógicas. A interpretação mais ampla da pedagogia social visa examinar a relação entre o indivíduo e a sociedade, em geral, e entende o papel da pedagogia social no âmbito do educar para a convivência e para a vida em sociedade e

no planeta, em um sentido amplo. Sendo assim, a pedagogia social pode ser compreendida como um modo de se posicionar frente a uma ação pedagógica, ao invés de um campo específico de atuação, e profissionais de áreas distintas podem utilizar a pedagogia social como uma orientação teórico-prática. Nesse sentido, a criatividade e as artes tem um papel fundamental.

A perspectiva específica sugerida neste texto, a pedagogia arte-social, se situa no contexto da interpretação ampla da pedagogia social, com foco no papel das artes e dos demais processos criativos no desenvolvimento humano e social. Contextualizamos essa questão abordando a democracia como um modo de viver juntos. Depois, discutimos a questão da presença das experiências artísticas na vida cotidiana, utilizando a noção de democratização da cultura, o que leva a pensar, especificamente, na questão do acesso às artes. Nos aproximamos das artes e dos demais processos criativos também como uma abordagem da educação – um processo pedagógico em si – utilizando a perspectiva da democracia cultural, que enfatiza a importância do fazer artístico, em vez de ficar somente na posição de espectador. Finalizamos o texto com um exemplo de um projeto que entrelaça teatro e ciências sociais para discutir como poderia ser a “pedagogia arte-social” na prática.

Democracia como um modo de ser no mundo

A capacidade de imaginar diferentes realidades e arranjos sociais é central para a realização da democracia. [...] A democracia é o exercício coletivo da imaginação. (Eskelinen, 2019, pp.85-86)

Começamos a reflexão neste tópico com uma preocupação trazida por Nussbaum (2012) sobre a diminuição da carga horária dedicada às artes no currículo escolar. Subjacente a isso, está a preocupação com a erosão da vitalidade da democracia. Parafraseando Nussbaum, há a preocupação de que a educação no mundo neoliberal apoie o crescimento das gerações vendo-as como peças úteis

de máquina, em vez de educar cidadãos capazes de pensar, refletir e colaborar (*ibid.*).

A democracia é uma forma de governo e uma organização de tomada de decisões, mas acima de tudo, é um modo de sociedade baseado em uma ideia radical de igualdade das pessoas e de suas capacidades de decidirem juntas os assuntos em comuns. Em Atenas, chamada de berço da democracia, as condutas democráticas de governo e de vida eram consideradas inextricavelmente ligadas. O estado democrático garantia as condições para uma boa vida (juntos), o que era possibilitado pelo fato de que os cidadãos tinham crescido com certos tipos de virtudes, como por exemplo, coragem, racionalidade, razoabilidade e justiça (Alhanen, 2016).

Quando a democracia é entendida como um modo de vida comunitário, a sociedade é vista como um todo, na qual não apenas há interesses individuais, mas, acima de tudo, questões e interesses em comuns. A democracia, então, não apenas ocorre em nível do aparelho do Estado e nas assembleias de voto, mas sobretudo através das próprias pessoas e de suas associações, atores da sociedade civil. A vitalidade da democracia, por sua vez, requer pessoas que estejam comprometidas com a construção e o desenvolvimento de uma sociedade igualitária e justa, e que também se sintam parte da sociedade e de suas comunidades. O desenvolvimento dessas habilidades está associado, particularmente, com as humanidades e as artes (Nussbaum, 2012).

Podemos dizer que a democracia é um componente fundamental de uma sociedade igualitária, justa e humana – mas só funciona quando a democracia é como deveria ser, quando não é entendida somente como um modo de governar, mas como um modo de viver junto, cuja vitalidade depende de cada um de nós. A democracia, assim entendida, é pública e comunicativa e, também, um processo sem fim. “Em vez de defender a democracia existente, ela deve ser levada adiante” (Eskelinen, 2019, p.11).

O pensamento crítico, a capacidade de enfrentar outra pessoa em espírito de diálogo e a imaginação, por exemplo, são considerados aptidões particularmente

importantes para a vitalidade da democracia (Nussbaum, 2012). A imaginação apoia a capacidade de empatia, ou seja, a capacidade de assumir a posição de uma outra pessoa, e também ajuda a imaginar diferentes tipos de realidade e suas possibilidades. O diálogo, por sua vez, é a habilidade de conhecer, ouvir e ver a outra pessoa – uma maneira de ver a alma do outro, como coloca Nussbaum (ibid.). Nesse caso, não se trata de qualquer conversa, mas de um encontro entre seres no qual não vemos o outro como um instrumento para alguma coisa, mas buscamos acessá-lo em sua integridade, compreendendo como o mesmo estrutura o mundo. Compreender, porém, não significa que tudo deva ser aceito, ou que todas as formas de estruturar o mundo devam ser valorizadas do mesmo jeito. O diálogo como um ideal ético significa um compromisso com os princípios fundamentais de uma sociedade igualitária e justa, na qual ninguém está, em princípio, excluído desses direitos (Alhanen, 2016; Nivala & Rynnänen, 2019). Uma relação dialógica com as outras pessoas e com o mundo não surge por si mesma, mas somente por meio do diálogo, que é aprendido através da prática. É também uma habilidade que precisa ser praticada e protegida – especialmente no mundo atual que, muitas vezes, segue a contracorrente. O filósofo finlandês Kai Alhanen (2016) afirma que, o desenvolvimento e o exercício de competências essenciais para dialogar, são questões políticas cruciais para a vitalidade das democracias. Ele cita cinco habilidades, particularmente importantes para o nosso modo de vida atual, e que, portanto, devem receber atenção. São elas: afinação ou sintonização, imaginação, ato de brincar, reflexão ou deliberação, e esperança.

Essas habilidades são moldadas pelo efeito combinado das tendências de um indivíduo e de suas condições no contexto social. No contexto do presente artigo, concentramos nas três primeiras habilidades, porque elas têm uma ligação especialmente interessante com a criatividade e as artes. Afinação ou sintonização é a capacidade de alcançar as experiências de outras pessoas, ressonando a si mesmo nelas, isto é: estabelecer relações de empatia. A imaginação amplia os horizontes do círculo imediato da experiência e é uma capacidade de imaginar

algo que não sabemos pela própria experiência. E um ato de brincar é uma capacidade de experimentar, hipoteticamente, algo que ainda não existe e que ajuda a desenvolver situações alternativas (Alhanen, 2016).

Democratização da cultura

Há uma grande variedade de estudos mostrando que, as formas narrativas de arte, em particular a ficção e o teatro, alimentam e ampliam a nossa capacidade de empatia, ou seja, de nos posicionar em relação ao outro, seja ele um representante da humanidade ou do mundo animal (Nussbaum, 2012; Aaltola & Keto, 2017). A arte tem a capacidade de abrir perspectivas sobre outras realidades possíveis, bem como novas formas de compreender e lidar com o mundo. Se analisarmos certas experiências da arte da sob a perspectiva das habilidades de diálogo descritas por Alhanen (2016), como por exemplo a leitura de ficção ou a experiência de assistir a uma apresentação do teatro, estas encontram-se, acima de tudo, no reino da afinação/sintonização e da imaginação. As formas narrativas de arte trazem à imaginação as realidades de outras pessoas e podem ajudar a sensibilizar a vida do outro, a apoiar a capacidade de vê-lo como um ser digno, a respeitá-lo e a cuidar dos mesmos. Isso acontece especialmente com histórias nas quais as personagens fictícias convidam a construir conexões com pessoas e eventos reais, ou seja, permitem o reconhecimento e a identificação (Nussbaum, 2012; Aaltola & Keto, 2017).

Esses são alguns argumentos que, por exemplo, Nussbaum usa para enfatizar a importância das possibilidades de se ter contato com as artes, tanto nos contextos da educação formal e não-formal, quanto nas outras esferas da vida. Em outras palavras, os argumentos destacam a importância da democratização da cultura, ou seja, uma melhor difusão das artes, um melhor acesso, um desenvolvimento das “culturas de cultura”.

Quando pensamos na educação, as atividades criativas e as artes podem ser incorporadas aos currículos e demais contextos educacionais formais e não-formais de diferentes maneiras, se enfatizando a experiência ou o fazer. No

entanto, do ponto de vista de praticar as habilidades de diálogo, por exemplo, as obras ou trabalhos artísticos não são igualmente pedagógicos. Para os sê-los, eles devem, de uma forma ou de outra, estar ligados a uma visão de mundo que carregue em si a ideia do valor indivisível da dignidade dos seres humanos, dos outros animais e dos ambientes naturais. Porém, há uma questão sobre a importância da seletividade das obras de arte a serem utilizadas nos contextos educacionais. Trazer uma dimensão pedagógica à experiência artística também significa estimular e orientar a reflexão sobre quais tipos de “pontos cegos” as obras de arte podem conter como produtos de sua época e de seu contexto social (Nussbaum, 2012; Nivala & Rynnänen, 2019).

No contexto das políticas culturais, a abordagem da democratização da cultura é muitas vezes criticada por ser baseada no conceito de cultura restrito ao campo das artes consagradas e voltada, especificamente, para a difusão da cultura de elite ou da chamada “alta cultura”. Quando aplicamos a democratização da cultura como um conceito analítico nos contextos da educação formal e não-formal, em vez de um conceito (sócio)político no contexto social mais amplo, conseguimos ultrapassar alguns desafios – mas para tratar das experiências versáteis é preciso uma reflexão crítica e cuidadosa. O educador tem que ter uma capacidade de ultrapassar os muros entre a “alta cultura” e àquelas formas de arte que ficam às margens, e reconhecer os perigos da colonização cultural (Nivala & Rynnänen, 2019). Mesmo assim, pode-se dizer que a perspectiva da democratização da cultura não é suficiente, como tem sido afirmado também no contexto da política cultural (Souza, 2017). Ademais, é necessário incluir a perspectiva da democracia cultural que não é somente voltada à difusão da cultura existente (e muitas vezes “de elite”) e à ideia de um público consumidor das artes e da cultura, mas que também reconheça a criatividade e a agência de todos e que, além disso, enfatize o reconhecimento da produção autônoma que lembre que as artes vão muito além das suas formas institucionalizadas. Novamente, não se trata somente de uma questão de política cultural, mas também tem a ver com contextos educacionais.

Democracia cultural

A ideia de democracia cultural faz o espectador ou leitor se movimentar para o lugar do autor, participando e fazendo. O ponto de partida é a ideia de que todos são criativos a sua própria maneira e é importante nutrir essa criatividade e imaginação para fortalecer o agenciamento. É assim que chegamos também na terceira habilidade de diálogo, num ato de brincar.

Brincar é, em suma, a capacidade de fazer experimentos concretos utilizando a imaginação. O ato de brincar não é apenas para crianças, mas deve ser mantido de forma consciente ao longo da vida e ser incluindo em diferentes ambientes educacionais, desde a primeira infância na escola até em atividades com adultos e idosos. O psicólogo Donald Winnicott (1896–1971) enfatizou a importância do brincar para o desenvolvimento da criança e para a formação da cidadania democrática. Como algo central para manter a capacidade de brincar, mesmo no mundo adulto, Winnicott considerava as artes em suas várias formas (Nussbaum, 2012).

O jogo artístico pode desenvolver a imaginação e as habilidades emocionais, estimular e ampliar a empatia, facilitar ou criar encontros, gerar novas formas de comunicação, fortalecer a experiência da comunidade e abrir novas perspectivas sobre as realidades cotidianas. O foco não está tanto nas habilidades e *know-how*, ou seja, na capacidade de atuar no palco ou tocar um instrumento perfeitamente, mas no mergulho no processo criativo, que é participação na criação. Isso é importante por si só, assim como a alegria e o prazer que resultam do compartilhamento dos processos artísticos.

Para terminar a nossa reflexão em torno das noções de democratização da cultura e de democracia cultural como meios que visam destacar a importância das experiências e dos processos artísticos e criativos na vida humana, trazemos um exemplo prático de um projeto que entrelaça ciências sociais e teatro, como tentativa de praticar pedagogia arte-social na esfera pública.

Pedagogia arte-social na esfera pública: *Pubekupla*, ou Balão de Fala

No início de 2017, um grupo de cientistas sociais e profissionais de dança e teatro começaram a organizar eventos com temas de imigração em bares de um subúrbio de Helsinque, Finlândia. O coletivo denominou-se *Pubekupla*¹ (Balão de fala), que deu o mesmo nome para os eventos. A ideia foi a de abordar um tópico que é polêmico, o da imigração, por meio de teatro participativo e discussão, com o objetivo de romper fronteiras, produzir encontros improváveis e abrir novas perspectivas para todos os participantes. Ao planejar os eventos (que com o tempo viraram também um projeto de pesquisa) pensamos num retorno ao ideal de teatro, aquele que cria um espaço de discussão conjunta (O'Connor & Anderson, 2015). Pretendemos, com as ferramentas do teatro participativo e do Teatro Fórum (Boal, 2000), criar um espaço público para praticar, conjuntamente, as habilidades do diálogo.

Pubekupla se assemelha à tradição do teatro social de rua, em que o objetivo das peças ou cenas individuais levadas a um lugar público é o de provocar um debate sobre algum tema socialmente candente. Nesse caso, o teatro atuou como um estimulador da produção colaborativa de informações, por meio de cenas baseadas em situações reais, traduzidas em drama. O teatro vai a lugares onde as pessoas já estão, ou seja, as apresentações não são especificamente seguidas, como em um teatro tradicional. Queríamos atingir públicos que nós, como cientistas e artistas, não poderíamos facilmente alcançar de outra forma e cuja voz não está, necessariamente, no centro dos debates na sociedade.

O nosso projeto apresenta-se como uma tentativa de trabalhar com a questão de como proteger as capacidades de diálogo e mantê-las vivas em um contexto social que, muitas vezes, funciona exatamente ao contrário das pessoas e de seus relacionamentos sociais. Mesmo que o projeto não tenha sido intencionalmente pensado para incorporar as habilidades do diálogo conforme o descrito por Alhanen, é possível reconhecer as dimensões de sintonização, imaginação, ato

¹ Em finlandês.



Figura 1. Primeiro evento do *Pubekupla* em um bar no subúrbio de Helsinque, Finlândia, em dezembro de 2017. Os clientes do bar participando da elaboração de uma cena. Fonte: acervo da autora do texto

de brincar, reflexão ou deliberação, e esperança. O teatro participativo pode aproximar as pessoas de uma maneira que simpatiza com os temas tratados, até mesmo nas formas corporais, e abre espaço para hesitações, percepções e emoções conflitantes. A abordagem das artes cênicas atua como um quebra-gelo, abre espaço para discussões conjuntas e atua como uma chamada para brincar, como é inscrita nas técnicas do Teatro Fórum.

Considerações finais

Iniciamos o presente artigo com a preocupação expressa por Nussbaum (2012) em torno do esvaziamento das humanidades e das artes dos currículos e dos demais processos educacionais tratando, inclusive, das consequências disso, potencialmente devastadoras, para a democracia. Utilizamos as ferramentas da pedagogia social, especificamente a noção das habilidades de diálogo necessárias para uma vida democrática. Sugerimos uma abordagem específica, a que

chamamos de pedagogia arte-social, para analisar as ligações possíveis entre a vitalidade da democracia e o vivenciar ou fazer arte, buscando destacar meios pedagógicos que carregam em si a profunda importância das artes para a vida humana. Com os conceitos de democratização da cultura e democracia cultural, procuramos mostrar caminhos necessários para se pensar o ‘lugar’ das artes na educação formal e não-formal.

Podemos concluir que o significado das artes na vida humana e na sociedade vai muito além da experiência imediata. As artes devem ser consideradas como parte algo maior quando buscamos soluções para a atual crise da democracia. Porém, não é suficiente pensar que ampliar as possibilidades de viver e de fazer arte é uma solução fácil para a complexa questão de como defender e avançar a democracia por meios pedagógicos. Mas vale ressaltar que, as competências necessárias para uma democracia viva, são, afinal de contas, as competências de como viver junto na sociedade. As artes podem alimentar e ampliar a capacidade de empatia, e possibilitar experiências participativas de posições estigmatizadas e marginalizadas. Eis a importância de garantir o acesso às artes em todas as fases da vida. Inclusive, é necessário pensar no acesso às artes e à cultura de duas perspectivas que são cristalizadas nos conceitos de democratização da cultura e democracia cultural. Contudo, a coisa mais importante para se lembrar é: a educação para a democracia acontece melhor pelas vias dos processos democráticos.

Agradecimentos

Este trabalho foi financiado por Kone Foundation (Finlândia), no âmbito do projeto 201903968 (2020–2022). Agradeço à Prof.^a Dr.^a Hosana Celeste pelo trabalho de revisão do artigo.

Referências bibliográficas

- AALTOLA, Elisa; KETO, Sami (2017). *Empatia: Myötäelämisen Tiede*. Helsinki: Into.
- ALHANEN, Kai (2016). *Dialogi Demokratiassa*. Helsinki: Gaudeamus.
- ANDER-EGG, Ezequiel (1987). *Política Cultural a Nivel Municipal*. Buenos Aires: Editorial Humanitas.
- BOAL, Augusto (2000). *Theater of the Oppressed*. New Edition. London: Pluto Press. (Orig. 1974).
- ESKELINEN, Teppo (2019). *Demokratia Utopiana Ja Sen Vastavoimat*. Tampere: Vastapaino.
- HÄMÄLÄINEN, Juha (1995). *Sosiaalipedagogiikan Oppihistoriallinen Kehitys Saksassa*. Kuopion Yliopiston Julkaisuja E. Yhteiskuntatieteet 26. Kuopio: Kuopion yliopisto.
- HÄMÄLÄINEN, Juha (2012). "Social Pedagogical Eyes in the Midst of Diverse Understandings, Conceptualisations and Activities" in *International Journal of Social Pedagogy* 1 (1). pp.3-16.
- NIVALA, Elina; RYYNÄNEN, Sanna (2019). *Sosiaalipedagogiikka – Kohvi Inhimillisempää Yhteiskuntaa*. Helsinki: Gaudeamus.
- NUSSBAUM, Martha (2012). *Not for Profit. Why Democracy Needs Humanities?* Princeton & Oxford: Princeton University Press. (Publicado originalmente em 2010).
- O'CONNOR, Peter; ANDERSON, Michael (2015). "Research in as Post-Normal World" in Peter O'Connor & Michael Anderson (eds.), *Applied Theatre: Research. Radical Departures*. London: Bloomsbury. pp.3-94.
- RYYNÄNEN, Sanna (2019). "Tutkija Turneella – Sosiaalipedagogisia Merkintöjä Teatterikiertueelta" in *Sosiaalipedagoginen Aikakauskirja*, Vuosikirja 2019. pp.85-100.
- SOUZA, Valmir de (2017). "Cidadania Cultural: entre a Democratização da Cultura e a Democracia Cultural" in *pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, 8 (14). pp.97-107.
- VILLAÇA, Iara de Carvalho (2014). "Arte-Educação: a Arte como Metodologia Educativa" in *Cairu em Revista*, 3 (4). pp.74-85.